

Por Odila Damian

“- *Senhor Dom Blas, de que livro você tirou este texto?*  
- *Do teatro da vida humana que é onde leio.*” Ramon de La Cruz.

Romance datado no ano de 1950.

Valéria (Pisani) Cossati, 43 anos, nascida em 1907. Compra um caderno proibido e começa um diário. Escrever é uma técnica de combate à ansiedade.

Escrevia escondido, como se fosse errado, e descobre que não há, em sua casa, um lugar só seu.

Ao mencionar a vontade de ter um diário, todos riram.

No episódio do baile de réveillon, quando o smoking do pai não serviu no filho, paciência, um homem não precisa arrumar marido.

Escrever eventos cotidianos, tentando compreendê-los. Constatou que os filhos já não acreditavam nos pais, como os de sua geração fizeram.

A escravidão da casa e da família tornou-se a sua força, a auréola do seu martírio.

Para a família o reconhecimento do seu cansaço, os isenta de qualquer responsabilidade. Seu cansaço era sua única fonte de felicidade.

No encontro anual com amigas da escola, era como se todas houvessem representado um teatro, no qual só ela não sabia seu papel, e tivesse esquecido as falas. Pelo convívio com essas mulheres, compreendeu que o sentimento que a liga ao Michele, é de qualidade diferente, sentiu orgulho.

As circunstâncias sociais da época a consideravam velhas aos 43 anos, mas essas amarras a levavam refletir, viver o proibido.